

Capítulo 4

Conhecer a “Vila Garibaldi” através do olhar das crianças: a experiência do jornal IGG em Fortaleza - Ceará

Catarina Teresa Farias de Oliveira

Daniel Salva Castro

Roberth Juliano Braga Aguiar

Victor Matheus Gonçalves de Figueiredo

Introdução

A Vila Garibaldi, localizada no bairro da Serrinha¹, em Fortaleza, é representada pela mídia como um lugar de tráfico e traficantes. Isso ocorre com muitas comunidades pobres do Brasil. É comum nos jornais impressos de Fortaleza a referência à “favela Garibaldi” e ao bairro da Serrinha como um espaço de violência.

Aproximadamente 300 pedras de crack foram apreendidas na favela Garibaldi, no bairro Serrinha, em Fortaleza, nesta sexta-feira (10). De acordo com a Polícia Militar, também foram encontradas uma grande porção de maconha e cocaína (JORNAL TRIBUNA DO CEARÁ, 11/02/2012).

¹Bairro da periferia de Fortaleza, localizado na zona central dessa capital, com 28.270 mil habitantes e Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de 0,282.

Após denúncias anônimas, a Polícia Militar apreendeu drogas e munições na tarde desta segunda-feira, 27, em uma residência localizada no bairro Serrinha, em Fortaleza. Segundo a Polícia, o material estava na favela Garibaldi, e o dono da droga teria fugido (JORNAL O POVO, 28/01/2014).

Já os movimentos sociais que conhecemos ali ressaltam a luta pela defesa da Lagoa Itaperaoba e realizam inúmeras atividades no entorno deste local, destacando também a autoestima da comunidade:

O Movimento Pró-parque Lagoa de Itaperaoba é um instrumento de luta dos moradores do bairro da Serrinha. Estes moradores reivindicam a preservação e revitalização da lagoa de Itaperaoba e seu entorno, envolvendo ações que contemplem iniciativas de lazer, trabalho e renda, cultura, preservação ambiental e segurança².

Conhecemos a Vila Garibaldi pouco a pouco, durante 2015. Esse processo aconteceu através de participação em atividades de extensão da Universidade Estadual do Ceará (UECE), onde trabalhamos, em parceria com o movimento popular da Serrinha e da Garibaldi (OLIVEIRA e ALENCAR, 2015). Situamo-nos com o cotidiano da comunidade e identificando, desde suas lideranças até seus problemas com drogas, as lutas em defesa da Lagoa Itaperaoba e pelo saneamento básico. Prosseguimos os contatos para nossa relação atual e, mais consolidada hoje, com as crianças que estudam na escola Municipal Irmã Giuliana Galli (EMIGG). Como narrado em outra produção de pesquisa nossa (OLIVEIRA, 2016), as crianças surgiram gradativamente como parte de uma necessidade de estudarmos a comunicação e de conhecermos seu contexto e suas vivências. Elas eram os sujeitos que mais

²Ver em: <http://uece.br/proex/index.php/noticias/14-lista-de-noticias/465-dialogo-uece-comunidade-movimento-pro-parque-lagoa-de-itaperaoba>.

participavam das atividades de extensão realizadas na comunidade Garibaldi desde 2015.

Elas sempre apareciam, seja quando eram convidadas a jogar capoeira para ajudar a visibilizar o mutirão ou quando se promovia atividades de plantação de mudas, de pinturas de placas de madeira com desenhos e frases ecológicas para a praça. Vieram também quando realizei um torneio de futebol, atividade usada para mobilizar a comunidade para a construção da praça. Como êxito, em junho de 2015, o lixo foi retirado pela própria comunidade. Essa foi uma vitória significativa, mas em todos os demais meses, a comunidade se mantinha afastada. Aos poucos entendemos que este afastamento tinha relação com o tráfego na comunidade e o controle do espaço na Guaribal. As lideranças apareciam no mutirão, mas em virtude de suas atividades também faltavam muito ao evento mensal. Percebi em todo o processo de mobilização na Guaribal, que as crianças estavam muito presentes. Foi dessa forma que essa comunidade se transformou em lugar para minhas observações (OLIVEIRA, 2016, p. 9).

Aos poucos refletimos que não era casual a participação das crianças. Vinham, algumas vezes, com suas mães, mas na grande maioria dos momentos sozinhas. Foi a partir dessa presença constante que procuramos trabalhar com elas.

Assim, em 2016, após termos, realizado e participado, por mais de um ano, de atividades com as crianças, iniciamos o projeto na escola com o jornal IGG, conforme narraremos mais adiante. O jornal não será uma escolha nossa, mas da EMIGG. As crianças do projeto vivem e estudam na comunidade Garibaldi. Por escolha nossa, optamos por buscar um público de idades entre nove e 13 anos, dos 3º, 4º e 5º anos do ensino fundamental I.

Para compreendermos os modos como as crianças demonstravam e materializavam discussões e aspectos do dia-a-dia da vida em sociedade, nós as acompanhamos, nessa experiência educativa, procurando apreender como a cultura da infância transparecia nos desenhos, nas falas, na (des) organização, nos

gestos, assim como nas próprias páginas do jornal, expressando preocupações e vivências com a sociedade e com seu lugar de moradia.

Nos processos de elaboração do impresso, guiamo-nos em observar, durante toda a experiência, como as meninas e os meninos podiam estar mais presentes no jornal, evitando que ele fosse uma expressão predominantemente nossa ou da escola. Nesse sentido, trazemos, igualmente, um apanhado sobre os conceitos de infância e cultura da infância. Por fim, discutimos acerca da nossa escolha por fazermos etnografia militante, bem como da nossa trajetória teórica para justificar a decisão metodológica para a intervenção ou ação em campo, além de explicitarmos nossas contribuições ao pensar a pesquisa interventiva com crianças e o exercício de ouvi-las.

2. Cultura da infância

Em campo nossos desafios foram desde o questionamento de como trabalhar a autoridade quando realizávamos atividades com as crianças até entendermos a criança como um ser social que tem uma cultura própria e um universo plural, mas que está sendo constantemente, perpassada pelo mundo adulto. Procuraremos considerar a infância em suas subjetividades, particularidades e diferenças, ou seja, objetivamos compreender a cultura da infância. Segundo a definição de Sarmento:

Por esse conceito entende-se a capacidade das crianças em construir de forma sistematizada modos de significação do mundo e de ação intencional, que são distintos dos modos adultos de significação e ação. A pluralização do conceito significa que as formas e conteúdo das culturas infantis são produzidas numa relação de interdependência com culturas societárias atravessadas por relações de classe, de gênero e de proveniência étnica, que impedem definitivamente a fixação num coerente único dos modos de significação e ação infantil (SARMENTO, 2002, p. 3-4).

Desse modo, nossa análise da expressão das crianças no Jornal IGG procurava se pautar pelas observações de como, de forma subjetiva, as crianças expressam a comunidade Garibaldi. Além de nos preocuparmos em problematizar como estamos construindo a escuta das crianças nessa experiência do jornal. Não desejamos apenas compreender que a criança deve ser considerada sujeito de suas ações, mas perceber como nós a consideramos como sujeito quando trabalhamos em processos educativos construídos para elas e com elas.

No século XVIII, a criança fazia parte do universo do adulto, era vista como um adulto em miniatura. Será no início do século XX que a criança passará a ganhar um destaque maior, na família. No contexto familiar, a infância vai cada vez mais ocupando o centro da família (LIMA, J.; MOREIRA, T.; LIMA, M.; 2014). Podemos dizer que começa aí uma preocupação mais específica com a educação, a saúde e a ludicidade voltadas especificamente para a criança, concepções que não mais tratam a criança como um adulto pequeno. De acordo com Sarmiento (2002), na infância, os sujeitos têm que receber uma atenção maior, tendo suas particularidades culturais, sociais, etárias, educacionais, entre outras. Para o autor, nesse período, a criança deve ser escutada. Sarmiento (2002) defende ainda que esta deve passar a ser vista como parte da sociedade e ser considerado um indivíduo geracional contextualizado a partir da cultura infantil.

Do mesmo modo como discutimos a criança, como sujeito, que deve ser considerada em suas particularidades, é importante ressaltarmos que, no século XX, a criança também começa a ser vista como alvo do consumo de forma mais evidente. Com o aperfeiçoamento e crescimento da indústria cultural, principalmente a partir da segunda metade do século XX, surgem produtos que passam a ser comercializados, tendo a criança como principal consumidor. Aliado ao consumo está a indústria cultural, que propaga a ideologia e os produtos, constituindo o mercado de

bens simbólicos, não apenas para as crianças, mas para diversos segmentos. Ortiz (2000) discute a constante diversificação que o mercado de bens simbólicos aperfeiçoa ao longo do século XX, procurando atingir, gradativamente, homens, mulheres, negros e negras, jovens e crianças. Mas segundo este autor, somente a partir da segunda metade do século XX é que esse processo ganha maior dinamicidade. Nesse sentido, podemos falar que a produção de bens para a infância se inicia entre os anos 20 e 30 do século passado, cresce a partir da década de 50 e ganha fôlego após os anos 80 do século XX. Nesse processo, a infância se torna um produto que passa a ser comercializado para os pequenos consumidores, as próprias crianças. No século XXI ocorrem transformações nos processos do brincar com o advento da tecnologia que provoca uma mudança essencial nos brinquedos e nas brincadeiras infantis. Surgem no mercado uma infinidade de jogos na internet, modelos de videogames, etc. Isso fica mais evidente nos jogos e nas brincadeiras disponíveis através dos games, do smartphone ou do computador. A criança procura o que mais lhe atrai dentro do seu universo contemporâneo em que a tecnologia, a internet e, conseqüentemente, as redes sociais virtuais ocupam o mundo da fantasia da infância.

A cultura da infância recebe um espaço de atenção maior na sociedade contemporânea, mas cremos que continuamos ainda com uma visão conflituosa, impondo a cultura do adulto para as crianças. Por mais que tenham o entendimento de que a criança é um ser social, os adultos passam para esses sujeitos sua visão de mundo, ordem e disciplina, conseqüentemente anulando a visão de mundo da criança. A escola Irmã Giuliana Galli, um de nossos lugares da pesquisa, e a comunidade Garibaldi são universos de adultos em que as crianças são educadas a absorver regras e ensinamentos de forma a tornarem-se adultos. Desse modo, o foco do debate é refletir a importância de elaborarmos um olhar crítico sobre modos de considerarmos a escuta infantil. Para tanto, nós apoiamos em Sarnento *et al* (2001), quando esses autores afirmam que:

A construção dos direitos participativos das crianças nos seus contextos de acção constitui um ponto nodal da afirmação do reconhecimento da sua competência social. Nesse sentido, ouvir a voz das crianças no interior das instituições não constitui apenas um princípio metodológico de acção adulta, mas uma condição política, através da qual se estabelece um diálogo integracional de partilha de poderes. A expressão dessa partilha necessita de encontrar fórmulas que ultrapassem os mecanismos formais de decisão, instituídos nas organizações democráticas modernas, de modo a adequar-se a uma participação das crianças adequada aos seus diferentes grupos etários. Em suma, a cidadania organizacional configura-se como um elemento determinante para a viabilização da participação das crianças como núcleo dos seus direitos sociais (SARMENTO; SOARES; TOMAZ, 2004, p. 3).

De todo modo, perguntamo-nos se estamos considerando a fala das crianças em nosso trabalho com o Jornal e em que medida estas falas nos apresentam o mundo desses sujeitos. Afinal, desejamos ter um olhar crítico do modo como estamos trabalhando com este grupo de meninos e meninas. A seguir, exporemos nossa opção metodológica.

3. Etnografia militante e intervenções

Nossa opção metodológica seguiu uma preocupação em ter uma postura não apenas de observação e interpretação de sentidos. Primeiro, no campo da pesquisa, questionamos hoje o paradigma interpretativo que se fundamenta essencialmente na observação e compreensão, pois acreditamos que a pesquisa pode unir observação e intervenção a posicionamentos que levam o pesquisador a agir em campo. Dentro dessa ótica, teríamos diversas opções, a exemplo da pesquisa-ação (PA), da pesquisa participante (PP), da cartografia e da etnografia militante. Entretanto, como já temos uma tradição no curso de Licenciatura em Ciências Sociais na UECE com a etnografia, optamos por este

método com ênfase na militância. Para esclarecer essa escolha, vamos trazer as principais reflexões teóricas às quais estamos atentos. A etnografia, ou método etnográfico, constitui-se em um método específico da pesquisa antropológica. É composta por técnicas e procedimentos de coleta de dados, aliados a um trabalho de campo que se traduz na convivência e observação

mais ou menos prolongada do pesquisador junto ao grupo pesquisado. A pesquisa etnográfica, dessa forma, é um exercício do olhar (ver) e da escuta (ouvir), culminando com uma “descrição densa” da realidade pesquisada (GEERTZ, 2008).

Segundo Virgílio (2014), em seus pressupostos clássicos, a realização de uma etnografia prima pelo distanciamento entre o pesquisador e aqueles que estão sendo pesquisados. Nessa dimensão, os sujeitos pesquisados devem ser vistos como “objetos de estudo”. Dentro dessa concepção, o distanciamento é necessário para uma efetiva análise dos fatos e das práticas sociais que se busca compreender, pois impede que o pesquisador crie laços e acabe por intervir no campo de estudo. O fazer antropológico estaria limitado a observar o outro, analisá-lo. Não existiria, portanto, a possibilidade de intervenção do pesquisador com o pesquisado ou com seus “problemas”. Isso tornaria inviável a pesquisa e iria contra os preceitos metodológicos da etnografia. Esta, na sua perspectiva clássica não se identifica com a busca de solução para os problemas que afligem o grupo pesquisado. Postura esta que se encontrava em consonância com o que se considerava fazer ciência à época, campo dominado por disciplinas ditas como exatas, em que se compartilha da crença em uma neutralidade e objetividade na construção de conhecimento. O pesquisador estaria, critica Virgílio (2014: 58), em uma “torre de marfim”, em que não só se encontra distante do seu objeto de estudo, como também, muitas vezes, deseja permanecer, seja “por se considerarem ‘diferentes, especiais ou superiores’, seja por de fato não perceberem ou concordarem com a saída da suposta ‘torre de marfim’, que alguns acreditam pertencer”.

Um dos grandes debates sobre o tradicional modo de fazer etnografia se remete à capacidade de apreensão da realidade por parte do pesquisador-observador. Ramalho (2013), em suas críticas ao isolamento da antropologia clássica, defende uma abordagem militante por parte do pesquisador. Para o autor, é somente a partir de uma convivência cotidiana comprometida que se pode realizar uma investigação densa: "De dentro do movimento estudado, como parte integrante dele, como um de seus participantes, é mais factível compreender os significados não somente manifestos, mas também os latentes, dos discursos e das tramas em cada situação"³ (RAMALHO, 2013, p. 5). Ou seja, para o autor, o antropólogo que se identifica com a causa dos "nativos" possui maior capacidade de compreensão da realidade pesquisada ou, como aponta Virgílio (2014, p. 65), possivelmente teria "acesso a 'melhores' informações, mais precisas, ou em maior variedade".

Virgílio (2014), assim como Ramalho (2013), defende uma abordagem militante por parte da antropologia. Todavia, o autor salienta que o fazer etnográfico dentro de uma perspectiva participativa não é qualitativamente superior à postura do etnógrafo observador. Para o autor, o engajamento militante não deve ser imposto ao etnógrafo, pois assumir a postura de observador ou de observador/militante se configura em uma questão de perspectiva metodológica, uma vez que podem proporcionar informações diferenciadas.

Compreendendo, portanto, a etnografia militante como uma metodologia bastante rica de observação da realidade, levando em consideração que os "nativos" sempre esperam que a pessoa com quem dialogam os ajude na resolução de seus problemas (VIRGÍLIO, 2014) – especialmente quando o objeto de estudo se encontra em situação de "vulnerabilidade", e assumindo a postura de que a ciência deve ser uma ferramenta que permita a reflexão

³ No original em espanhol: "desde adentro' del movimiento estudiado, como parte integrante de él, como uno de sus participantes, es más factible comprender los significados no sólo manifestos, sino también los latentes, de los discursosy de las tramas en cada situación".

humana e a transformação social – buscamos realizar em nossas atividades com as crianças uma etnografia militante. Procuramos compreender seus textos e contextos, apreender o dito e o não dito, bem como contribuir na sua formação de indivíduos críticos. Coadunando-nos com o pensamento de Scheper-Hughes – apresentado por Virgílio (2014, p. 61) –, acreditamos que “a antropologia não deve ser nem um campo de disciplinas, nem um campo de ação, mas sim um campo de resistência”.

4. Entre descrever e pensar o campo

Nossa chegada ao campo, na EMIGG, foi mediada pela intenção de realizar o projeto de extensão intitulado “Promoção de direitos humanos, usos e apropriações de uma cultura digital reflexiva e segura com crianças, adolescentes e educadores em espaços de educação formal e não formal”. Já tínhamos realizado atividades de extensão, durante o ano de 2015 na Garibaldi, em parceria com o Instituto Irmã Guiliana Gall⁴. Iniciamos nossa visita à EMIGG em seis de maio de 2016, conversamos com a diretora e coordenadora sobre os objetivos do projeto de extensão, que buscávamos acompanhar. Mas, logo nessa primeira conversa, a gestora nos relatou que tinha interesse em ter um jornal na escola. Assim chegamos ao jornal. Aceitamos, desse modo, o pedido da diretora da escola, que mostrou o interesse por essa atividade, por se tratar de um “sonho” que já havia sido idealizado, mas que a instituição encontrava dificuldades para colocar em prática. Acatamos o desafio e passamos a pensar as atividades em torno da confecção de uma série de jornais escolares.

Fizemos as primeiras visitas à EMIGG e divulgamos a ideia sala a sala, informando para os alunos do terceiro ao quinto ano, conforme a gestão solicitou. Decidimos chamar o grupo – a ser

⁴ O IGG é uma ONG voltada a trabalhar projetos de educação formal e não formal na comunidade Vila Garibaldi na Serrinha desde 1999.

formado pelas crianças – de Clubinho do Jornal, por ser mais convidativo para as crianças. Trabalharíamos com o Clubinho no período da tarde. Em conversas com a direção da escola, deixamos claro, desde o início, que nossa área de atuação era a Comunicação e, como trabalhávamos com os estudantes de Licenciatura em Ciências Sociais como bolsistas, a perspectiva educativa, antropológica e reflexiva desse curso nos auxiliaria.

Com essas decisões, deixamos claro para a direção e coordenação pedagógica da escola que não determinaríamos critérios para a seleção de alunos/as para participar do jornal. Acreditávamos que tinha que surgir deles um interesse por participarem, mas, caso fosse necessário e a procura fosse grande, realizaríamos uma pequena seleção, levando em conta o interesse de cada criança. Passamos no dia 10 de maio nas salas dos alunos de 3º a 5º anos da manhã, convidando-os a participarem do primeiro encontro de “seleção” para o clube do jornal, que aconteceria na tarde de quinta-feira, 12 de maio. Contabilizando todos os alunos das turmas visitadas, foram convidadas 91 crianças.

No primeiro encontro, que divulgamos como “seleção para o jornal”, compareceram 23 crianças das 91 convidadas. Realizamos uma dinâmica para lhes explicar como se dividia um jornal convencional, explicando em síntese cada parte dele e mostrando um jornal feito por crianças de uma escola. Também aproveitamos para ouvir sobre como imaginariam um jornal feito por elas próprias. Para encerrar, fizemos uma votação para escolher nomes para o futuro jornal da escola. Sobre essa eleição falaremos a seguir. Continuamos a nos encontrar na quinta-feira seguinte, dia 19 de maio. Os encontros aconteceram todas as quintas-feiras, excetuando-se o mês de julho, período de férias escolares.

Na quinta-feira do dia 19 de maio, realizamos o primeiro passo para a confecção de matérias para o primeiro jornal. Iniciamos com uma dinâmica de alongamento, para animá-los e mantê-los mais calmos, pois, no primeiro encontro, tivemos

dificuldade para trabalhar com as crianças. Durante todo o ano, as “danações!” foram uma constante no grupo e um desafio para nós. Mas, para facilitar o trabalho, dividimos as crianças em três grupos: um primeiro para trabalhar desenho em quadrinhos, um outro para ler uma história infantil e

fazer uma mensagem e a indicar ou não o livro para leitura no jornal e um terceiro grupo para realizar entrevistas e fotografar a comunidade. Com as crianças divididas nos grupos, conseguimos administrar melhor o tempo e perceber melhor nossos participantes. Foi possível conversar de forma mais descontraída e trabalhar melhor com as “danações” das crianças, que quase sempre pediam para beber água e ir ao banheiro. Foi assim durante o primeiro semestre. No entanto, no segundo semestre, quando retornamos das férias, avaliamos que esta forma de trabalhar nos impedia de termos uma convivência maior para além dos grupos. Desse modo, no segundo semestre tivemos momentos mais coletivos em geral, enquanto outras atividades continuaram acontecendo no sistema de grupos.

Ao longo do ano, realizamos a produção de três jornais e muitas atividades para produzir cada número. Será a partir dessas experiências que refletiremos sobre o modo como escutamos ou não as crianças, bem como percebemos como a realidade de seu cotidiano e da Garibaldi apareceu nos jornais e nas atividades vivenciadas. Vamos descrever algumas cenas para termos uma ideia de como essas reflexões aconteceram ao mesmo tempo em que elaborávamos o jornal.

Realizada ao final do primeiro semestre, a escolha do nome do jornal explicita um dos exemplos de nossa preocupação em ouvir as crianças. A tentativa de escutá-las aparece na preparação do processo da escolha do nome do jornal. Muito ansiosos, fizemos uma urna com uma caixa e preparamos as cédulas com os quatro nomes indicados: “Jornal Irmã Giuliana Galli”, “Jornal das Crianças”, “Jornal da Gente” e “Jornal Galli”. Passamos nas salas pela manhã e, à tarde, juntas com as crianças do Clubinho do

Jornal, fizemos a apuração. O nome “Jornal Irmã Giuliana Galli” ficou em primeiro lugar, com 138 votos; e o “Jornal das Crianças”, com 71 votos, seguiu em segundo. Ao final decidimos unir o nome dos dois mais votados e o impresso passou a se chamar: “Jornal IGG: informativo das crianças”. Numa análise dessa atividade, consideramos que poderíamos ter confeccionado as cédulas e a urna com a participação das crianças. Estas poderiam ter realizado o processo de apuração conosco. Entretanto, nosso pouco tempo para a conclusão do primeiro número nos apressou a fazermos a urna e as cédulas. Outro fator que nos levou a apurar os votos sozinhos foi o comportamento das crianças, quase sempre resistentes quanto ao nosso “controle”. Elas queriam sempre estar saindo da sala para beber água ou ir ao banheiro. Muitas vezes pensávamos que não estavam gostando, mas, quando consultadas se gostariam de ir para casa, respondiam sempre que não. O aumento do número de crianças que participavam do jornal ao longo do ano também comprovava que a atividade estava sendo bem aceita. Se em agosto tínhamos 12 crianças, terminamos dezembro com 20 participantes. Isso porque tivemos que fazer algumas crianças voltarem porque estava nos últimos dias de dezembro, tínhamos que concluir com a festa de Natal e decidimos que não deveríamos mais aceitar nenhuma criança.

Outro exemplo para a tentativa de escutarmos as crianças no processo de elaboração do jornal ocorreu quando da construção da matéria sobre a comunidade, ainda no primeiro número do jornal. Tivemos no primeiro encontro a discussão de qual tema as crianças queriam abordar. Uma delas, uma menina de nove anos, sugeriu o alagamento na comunidade e logo todas concordaram. O tema “alagamento” é uma realidade para o local onde as crianças residem. Na Garibaldi, há uma ausência total de saneamento e muitas casas se localizam as margens da lagoa Itaperaoba. Naquele período, a lagoa estava passando por obras que provocariam, inclusive, remoção de algumas famílias para a ampliação de uma rua e passagem do saneamento. A criança que propôs a temática

para a matéria era de uma das famílias que seria transferida e teria sua casa demolida. Sabíamos da situação, principalmente, porque a menina não parava de expressar que ia se mudar da Garibaldi. Assim, procuramos fazer a matéria. Para iniciar, pedimos que cada criança elaborasse duas perguntas. E desse modo ocorreu. A princípio, tiveram dificuldades em escrever, mas conseguiram. O interessante nesse momento, foi perceber que as crianças escreviam com facilidade, mas tinham dificuldade de ler o que escreviam. Por fim, compomos um roteiro coletivo de entrevistas com suas perguntas. Logo em seguida, saímos pela escola a entrevistar estudantes, funcionários/as e professoras/es da EMIGG. Sentimos a euforia das crianças em usar o celular para a realização das entrevistas. Na quinta-feira seguinte, 26 de maio, retomamos com a matéria e saímos para realizar fotografias na comunidade. Nas ruas, o grupo com quatro crianças brincava com as poças de lama que encontravam pela frente. Fomos até a lagoa em obras e tiramos as fotografias. O sol era quente e a temperatura chegava entre 30 a 35 graus. Na volta, resolvemos passar numa venda e comprar biscoitos e refrigerante. Uma das crianças expressou que aquele era o dia mais feliz de sua vida. Isso ocorreu no momento em que comprávamos o lanche. A princípio, pensamos que era o lanche que puxava aquela declaração. Essa hipótese parecia forte, principalmente por se tratar de uma comunidade pobre. Entretanto, ao longo do ano, chegamos à conclusão de que a atenção que recebiam e as atividades diferenciadas na produção do jornal eram o que sustentava aquela declaração. Realizávamos mostras de filmes com pipoca, andávamos pela comunidade, brincávamos com celulares, entre outras atividades. No encontro seguinte, em dois de junho, a menina que propôs a matéria trouxe um presente para um de nós. Era um pequeno urso de pelúcia usado. Isso revelava sua alegria e o modo de agradecer o espaço do jornal. Nesse mesmo dia, pedimos às crianças para fazerem um desenho sobre alagamento e escreverem uma frase. Das frases, tentaríamos elaborar o título da

matéria. Desse modo, a partir de dois desenhos – um que colocava a frase “A comunidade vive alagada” e outro que trouxe a frase “A comunidade Garibaldi sofre” – construímos o título “O alagamento vive na comunidade Garibaldi”. Na edição em geral dos impressos, a ideia foi trazer uma construção coletiva com as crianças e respeitar as suas escritas, mas tínhamos consciência de que estávamos editando frases, corrigindo erros e conduzindo ideias. Ao todo, tínhamos também muitos problemas com seus comportamentos e tentávamos sanar com muita conversa.

Ainda durante a realização do primeiro jornal, o grupo de desenho preparou uma história em que dois personagens disputavam suas opiniões. Um deles era o MC Papo Reto e o outro, o Palhaço Irado. O MC Papo Reto era o herói da história e tinha o poder de ser ouvido através de sua rima. Na contramão, o Palhaço Irado tinha o poder de cantar rimas para as pessoas sujarem as ruas. Desde o início da produção do jornal, percebemos que as crianças demonstravam interesses em trabalhar com música, principalmente o rap. Aliado ao interesse musical deles, resolvemos sugerir a criação de uma história de heróis narrada através de rimas. A criação durou três encontros e, a cada quinta-feira, produzíamos um pouco de desenho, rimas e pinturas. A letra do rap também revela a realidade da comunidade que tem uma preocupação imensa com ecologia e cuidados com o lixo e com a saúde. Sem combinarmos nenhum tema entre nós para os grupos, as crianças trouxeram a problemática do lixo, que é muito forte numa comunidade que tem ruelas estreitas, nas quais o caminhão que recolhe o lixo sequer pode circular, assim como havia expressado a preocupação com o alagamento na outra matéria. Possivelmente, elas aliam, na elaboração das matérias, os aprendizados que adquirem na escola sobre preservação da natureza com a realidade da comunidade, trazendo à tona os temas sobre alagamento e lixo nas ruas. Perceber o rap como uma forma de comunicação com as crianças foi fundamental para a elaboração

dos dois primeiros números do jornal. Vejamos como as crianças se expressam na composição

(FIGURA 1):

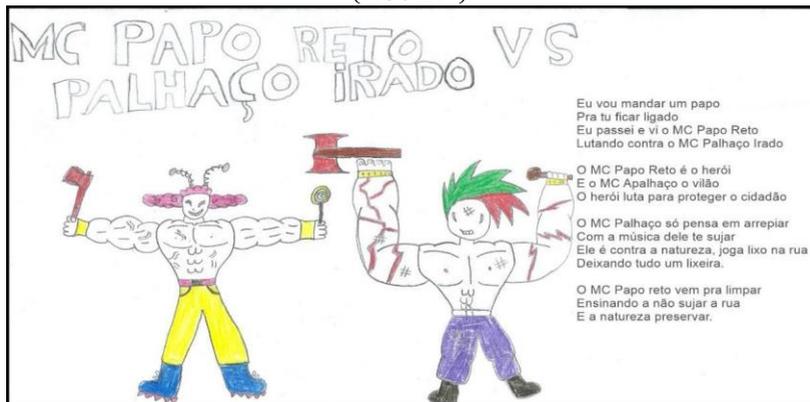


FIGURA 1 - Resultado do grupo de desenho para o primeiro jornal
FONTE - JORNAL IGG.

Como nosso espaço neste artigo é pequeno para mais descrições de campo, vamos concluir apresentando algumas de nossas avaliações para a elaboração do segundo e terceiro números do jornal IGG. No segundo número, não partimos mais com o trabalho apenas nos grupos. Priorizamos, além do trabalho em separado nos três grupos, momentos coletivos e não mais direcionamos os encontros apenas para a feitura do jornal. Promovemos momentos de lazer e brincadeiras para construirmos uma maior interação com as crianças. Em meio a tudo isso, o tema do segundo jornal foi escolhido pelo grupo coletivo das crianças envolvendo brincadeiras tradicionais e modernas, além de músicas. Essa foi uma sugestão das crianças após realizarmos dinâmicas com elas. Para exemplificarmos uma de nossas escutas, narramos a seguir a construção do grupo que costuma desenhar a história do Papo Reto. Este grupo acabou vivenciando um momento de composição e não mais de desenho. Após diversas quintas em que tivemos oficinas de origamis e de percussão, brincadeiras com jogos no celular e exibição de filme, vivenciadas

de forma coletiva, paramos para as crianças criarem a tira de desenho para o jornal. Nesse momento, pedimos que desenhassem, mas elas se mostraram mais interessadas em conversar sobre rap do que fazer uma nova história para a segunda edição do jornal. Depois de muita conversa e tentativas de realização da atividade do desenho, partimos então para uma abordagem diferente. Decidimos substituir a criação de uma história de herói por uma composição de rap. A experiência ocorreu depois de uma conversa sobre suas músicas prediletas e escutas destas no celular. O interessante foi que as crianças apresentaram raps que falavam sobre violência, mas depois compuseram um rap que solicitava paz para a Garibaldi. Após a elaboração da letra, gravamos a canção através de um aplicativo de gravação de áudio para celular e assim ficou a letra:

O ladrão chega na cidade atacando o cidadão
Papo reto chega dizendo
Acabou a sua alegria, para de ser mau
Tu só quer dinheiro pra se ‘amostrar’
Vai pra casa e deixa todo mundo em paz.
(Composição criada pelas crianças).

Nessa matéria, mais uma vez aparece a comunidade. No entanto, a abordagem traz um pedido de paz e não uma alusão à violência como a mídia apresenta. As crianças sabem dos problemas urbanos que a comunidade enfrenta e, a seu modo, expressam essa compreensão. Na elaboração das matérias dos dois primeiros jornais, percebemos que os meninos e as meninas falaram tanto de temas que relacionavam a comunidade com seus problemas sociais quanto de temáticas como “amor” e “família”. Na elaboração de umas das matérias do segundo jornal, um menino de aproximadamente dez anos escreveu em seu desenho três palavras que sintetizam essa nossa percepção: “Família, amor, paz”. Ainda no segundo jornal, que teve como tema central as

brincadeiras e as músicas, todas as mensagens desenhadas versaram sobre amor à família.

O terceiro jornal foi elaborado entre novembro e dezembro. O tema não poderia ser outro senão o Natal. Produzimos esse número do jornal entre oficinas de teatro, exibição de filme e momentos de desenhos. Os pedidos de Natal foram feitos em forma de desenhos e cartas. As crianças pedem, além dos tradicionais brinquedos, solicitações de casas e de riqueza. “Eu queria de Natal uma casa, brinquedos, origamis, uma bola, um avião, uma mansão, um helicóptero, livros, cadernos, salada de frutas, o mundo”. Num outro pedido, a moradia se repete: “Papai Noel, eu quero uma coisa muito especial. Eu quero uma casa, um celular J7, uma Barbie. Feliz Natal”. E, em um terceiro exemplo, o desejo de riqueza: “Eu quero ser rico”. O penúltimo pedido, quando escrito e lido no grupo, foi questionado pelas demais crianças, que indagaram se era uma casa de brinquedo. A menina que fez o pedido logo ressaltou que era uma casa de verdade para morar com sua mãe.

O jornal e as crianças nos têm levado a conhecer a Garibaldi e seus moradores. Entre os temas de violência – tanto ressaltados pela mídia comercial e tradicional, como apresentados no Jornal IGG –, identificamos que as crianças ao seu modo também expressam essa realidade. Elas expressam, como diria Sarmiento (2012), de uma forma específica a produção de significação que constroem sobre a Garibaldi, trazendo dos seus modos a representação de conflitos e poderes vivenciados nesse contexto. Portanto falam de diferenças e sonhos, compartilhando problemas e soluções ou pedidos de soluções das problemáticas. Trazem suas ideias, seja através de mensagens e desenhos que falam de amor, paz, família, das denúncias construídas através de um “palhaço irado” que deseja sujar a comunidade e da construção de um herói, o Papo Reto, que canta a construção da paz e defende a ecologia. A Vila Garibaldi existe para as crianças em meio a problemas apontados pela escola e o movimento popular ou entre o discurso

ressaltado pela mídia. Entretanto, as crianças destacam suas relações colocando a expressão de um lugar que também fala de amor e paz, deseja consumir e viver bem.

5. Reflexões para continuar a experiência do IGG

Ao término do primeiro ano do Jornal IGG, sentimos nossas dificuldades em trabalhar com as crianças. Escutar e considerar a cultura infantil não é uma tarefa fácil. Nossas atividades aconteceram em meio a essa tentativa e se ampliaram com a organização de um método mais lúdico de fazer o jornal que hoje inclui a realização de oficinas educativas que nos levam a compor as matérias do jornal. Elaborar o impresso em si não é mais nossa meta. Ele se transformou em um meio para discutirmos com as crianças temáticas sociais, tais como: consumo, educação musical, usos seguros de novas tecnologias, ecologia. A proposta de fazer o jornal se tornou muito mais um suporte para escutar as crianças do que a feitura em si dessa ferramenta. Desse modo, estamos em sintonia com Sarmiento (2012), quando este autor fala que precisamos encontrar fórmulas que ultrapassem os mecanismos formais para trabalharmos com as crianças e seus processos de cidadania e participação. Cremos que precisamos investir na continuidade da intervenção. Percebemos que o Jornal IGG pode vir a ser uma contribuição nesse sentido, como ferramenta para trabalharmos aspectos da realidade com as crianças da Garibaldi. Entendemos que essa não é uma tarefa fácil e que estamos encontrando dificuldades para escutar e trabalhar com as crianças.

Outro ponto de nossas reflexões finais é que a etnografia militante que nos tem guiado em campo pareceu ser uma escolha importante, principalmente porque costumamos ouvir diversos grupos sociais de bairros de periferia dizer não querer mais receber pesquisadores que não contribuem e nem retornam ao universo investigado.

Referências

GEERTZ, C. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro, LTC, 2008.

LIMA, J.; MOREIRA, T.; LIMA, M. A sociologia da infância e a educação infantil: outro olhar para as crianças e suas culturas. *Contrapontos*, Itajaí, V. 14, n. 1, p. 95-110, 2014.

OLIVEIRA, Catarina T.F. ALENCAR, Claudiana Nogueira de. Práticas comunicacionais e de linguagens no processo de mobilização com a Serrinha. IBERCOM, São Paulo ECA/USP, 2015

OLIVEIRA, Catarina T. F. A etnografia militante como método: intervenções com práticas comunicacionais na comunidade Guaribal/Serrinha-CE. INTERCOM, São Paulo, 2016.

ORTIZ, R. Um outro território. *In*: BOLAÑO, César R. S. (org.). *Globalização e regionalização das comunicações*. São Paulo: Educ/Editora da UFS/ Intercom, p. 51-72. 1999.

RAMALHO, R. Contribución a la propuesta de una etnografía militante. X Jornada de Sociología de la Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, 2013.

SARMENTO, M. Imaginário e cultura da infância. [S. l.] , 2002.

SARMENTO, M; SOARES, N.; TOMÁS, C. Participação Social e Cidadania Activa das Crianças. Comunicação apresentada no Fórum Paulo Freire, Porto, 2004.

VIRGÍLIO, J. Etnografia militante, pesquisador e/ou sujeito de estudo: revisão teórica sobre pesquisa e militância na antropologia contemporânea. Florianópolis, 2014 (monografia).